

HALL

ARTE ARQUITETURA

ART ARCHITECTURE

KUNST ARCHITEKTUR

realização:



parceria:

casa_____
horizonte

Kunst **akademie** Düsseldorf

12. TOMÁS CID

16. KATHARINA KELLER

20. HANNAH NELSEN

28. PHILIPPE DERLIEN

32. ALEXANDRE FENERICH

36. MARIANA COBUCCI

40. ARTHUR MURTINHO

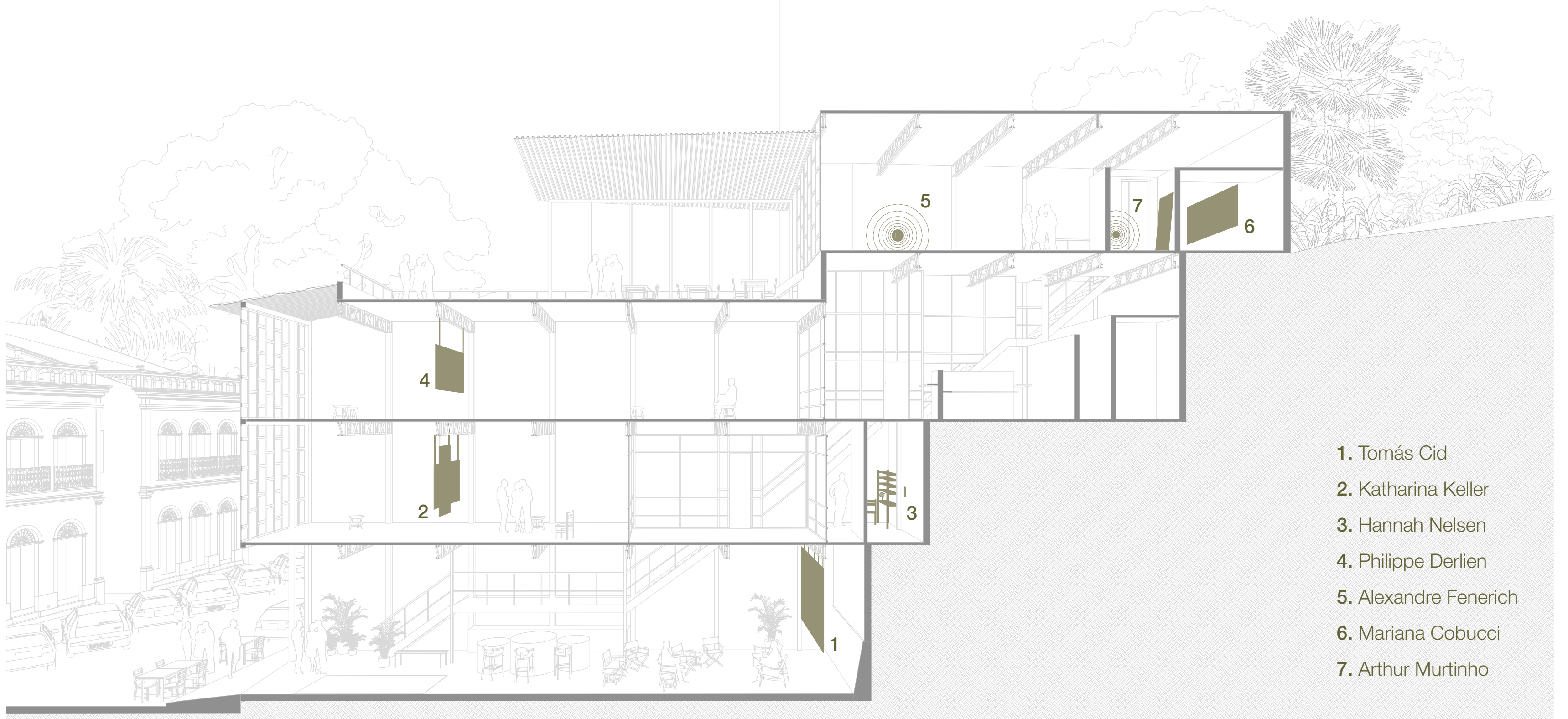
Esta exposição foi resultado da parceria entre o Tropigalpão, a Casa_Horizonte e a Kunstakademie Düsseldorf. Reuniu sete artistas cujas obras exploram as interseções entre arte e arquitetura, sob a curadoria de Denise Milfont.

A PALAVRA **HALL**
EXISTE EM ALEMÃO,
INGLÊS E PORTUGUÊS,
MAS SEU SIGNIFICADO
VARIA CONFORME
A LÍNGUA EM QUE É
UTILIZADA.

Em português, **HALL** refere-se a uma área de entrada — o espaço de transição entre o exterior e o interior de uma casa. Em alemão, **HALL** descreve o som refletido que persiste no espaço após a emissão do som original, ou seja, o eco ou reverberação. Em inglês, **HALL** designa uma grande sala no interior de um edifício, frequentemente associada a eventos, reuniões ou circulação de pessoas.



ESSE TÍTULO
FOI ESCOLHIDO
JUSTAMENTE POR
REUNIR E DAR
FORMA AOS DESEJOS
CENTRADOS NA
ARTICULAÇÃO
ENTRE OS ESPAÇOS
CONCRETOS E OS
ESPAÇOS SUBJETIVOS
REVELANDO A
INEGÁVEL CONEXÃO
ENTRE ARQUITETURA
E ARTE.





Casas de Fazer Nada

TOMÁS CID



A INTERVENÇÃO
PROPÕE UM CENÁRIO
IMAGINATIVO, ONDE
DUNAS DE AREIA
E ESTRUTURAS DE
MADEIRA E PALHA
OCUPAM O ESPAÇO
URBANO, EVOCANDO
A MEMÓRIA DO
ECOSSISTEMA
ORIGINAL E SUGERINDO
UM MUNDO ONDE OS
MEIOS DIGITAIS NÃO
DOMINAM NOSSO
TEMPO E ATENÇÃO.

A PROPOSTA NÃO
BUSCA RESPOSTAS,
MAS SIM SUSCITAR
PERGUNTAS SOBRE O
FENÔMENO ESTÉTICO
DA ARQUITETURA E DA
PAISAGEM. EM UM TEMPO
DE TRANSFORMAÇÕES
CLIMÁTICAS E
TECNOLÓGICAS, O
TRABALHO DEFENDE A
CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE
CONTEMPLAÇÃO E ÓCIO —
ESPAÇOS PARA SENTIR.

Casas de Fazer Nada investiga o impacto estético na arquitetura e na paisagem por meio de uma intervenção artística no parque Jardim de Alah, no Rio de Janeiro — região marcada historicamente pela paisagem de restinga e hoje ameaçada pela elevação do nível do mar. A intervenção propõe um cenário imaginativo, onde dunas de areia e estruturas de madeira e palha ocupam o espaço urbano, evocando a memória do ecossistema original e sugerindo um mundo onde os meios digitais não dominam nosso tempo e atenção. Inspirado por autores como *Juhani Pallasmaa*, *Lev Manovich* e *Domenico De Masi*, o projeto explora como sentidos, memória, empatia e o contato como a novidade influenciam nossa relação com o espaço. Referências arquitetônicas e artísticas como a *Casa Tanikawa* de *Kazuo Shinohara*, o *Shabono Yanomami*, a *Khudi Bari* de *Marina Tabassum*, além de obras do *Cildo Meireles*, *James Turrell* e *Olafur Eliasson*, são fundamentais para a construção de uma experiência sensível e crítica. A proposta não busca respostas, mas sim suscitar perguntas sobre o fenômeno estético da arquitetura e da paisagem. Em um tempo de transformações climáticas e tecnológicas, o trabalho defende a criação de espaços de contemplação e ócio — espaços para sentir.

Este projeto foi inicialmente apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio, com orientação de Mariana Vieira e co-orientação de Alziro Neto.

Tomás Cid é arquiteto e urbanista, formado em 2024 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Nascido em 28 de Janeiro de 1998, no Rio de Janeiro, cresceu entre o mar e a lagoa — territórios marcados pela paisagem de restinga — o que influenciou profundamente seu olhar sobre o espaço, o tempo e a natureza. Vindo de uma família de engenheiros, arquitetos e artistas, teve contato desde cedo com processos criativos e construtivos, o que ajudou a moldar seu interesse e a conhecer as diferentes facetas da profissão, do fazer técnico ao pensamento mais sensível e conceitual da arquitetura. Seu trabalho de conclusão de curso, intitulado *Casas de Fazer Nada*, foi selecionado para participar do *Biennale College Architettura*, em Veneza, em 2024. Atualmente, já formado, trabalha em um escritório de arquitetura desenvolvendo projetos residenciais — um caminho comum na prática profissional da arquitetura. Ainda assim, segue pesquisando e refletindo sobre uma dimensão mais artística e crítica da arquitetura, do urbanismo e da paisagem.

Houses of Doing Nothing investigates the aesthetic impact on architecture and landscape through an artistic intervention in Jardim de Alah park, in Rio de Janeiro — a site historically marked by the restinga ecosystem and now threatened by rising sea levels. The intervention imagines a scenario where sand dunes and structures made of wood and straw take over the urban space, evoking the area's original landscape and suggesting a world less dominated by digital media. Guided by authors such as *Juhani Pallasmaa*, *Lev Manovich*, and *Domenico De Masi*, the project explores how the senses, memory, empathy, and encounters with novelty shape our spatial experience. Architectural and artistic references such as *Kazuo Shinohara's Tanikawa House*, the *Yanomami Shabono*, *Marina Tabassum's Khudi Bari*, and works by *Cildo Meireles*, *James Turrell*, and *Olafur Eliasson* serve as inspiration for creating a sensitive and critical spatial experience. Rather than offering answers, the proposal aims to raise questions about aesthetic phenomenon in architecture and landscape. In a time of climate and technological transformations, the project advocates for the creation of contemplative spaces — spaces for idleness and for feeling.

This project was originally developed as a final undergraduate project in Architecture and Urbanism at PUC-Rio, supervised by Mariana Vieira and co-supervised by Alziro Neto.

Tomás Cid is an architect and urban planner, graduated in 2024 from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio). Born on January 28, 1998, in Rio de Janeiro, he grew up between the sea and the lagoon — areas marked by the restinga ecosystem — which deeply influenced his view of space, time, and nature. Coming from a family of engineers, architects, and artists, he was exposed to creative and constructive processes from an early age, which helped shape his interest in and understanding of the various facets of the profession, from the technical practice to more conceptual and sensitive approaches to architecture. His graduation project, titled *Houses of Doing Nothing*, was selected to participate in *Biennale College Architettura* in Venice in 2024. Currently, as graduate, he works at an architecture office developing projects — a common path in architectural practice. Nevertheless, he continues researching and reflecting on more artistic and critical dimension of architecture, urbanism, and landscape design.

TOW

KATHARINA KELLER

AO CONSTRUIR
CASAS, OS SERES
HUMANOS CRIAM
HABITATES DE
ACORDO COM SUAS
PRÓPRIAS IDEIAS E
IMAGINAÇÃO.



A PLASTICIDADE DA IMAGINAÇÃO PODE
DISSOLVER ESTRUTURAS DADAS E ATUAR
COMO UMA FORMA DE VIDA PRÓPRIA,
PERMEIA E INTERAGE COM OS HUMANOS
NUM MOVIMENTO CONSTANTE.

TOW is know as a side product in the manufacture of linen, it is used do dam up houses. By building houses, humans create habitats according to their supposedly own ideas and imagination. Locations and resources determine the implementation. A family in Omsk puts their personal idea of a habitat into action. Playful flexible intersections between imagination and implementation, a diverse system which expands and shrinks constantly, the house has it's own pulse. The imagination seems to be a framework of a planned architecture, but the building process goes beyond every wall and decision. The plasticity of imagination, can dissolve given structures and act as an own life form, it permeates and interacts with a constant movement.

Katharina Keller's multimedia practice operates akin to a continuously expanding archive of locations associated with personal and collective experience and memory. Her video works, sculptures, installations, and textile works engage with issues of cultural identity, family, history, and living environments - and with the situatedness and continuing relevance of those phenomena.

Originally conceived as means of documentations, Katharina Keller's videos have since become works in and of themselves, with their observational approach remaining a distinctive element of her practice.

A prática multimídia de **Katharina Keller** funciona como um arquivo em constante expansão de locais associados à experiência e à memória, tanto pessoal quanto coletiva. Seus vídeos, esculturas, instalações e trabalhos têxteis abordam questões de identidade cultural, história (familiar) e ambientes de vida - bem como a localização e a relevância contínua desses fenômenos.

Inicialmente concebidos como meios de documentação, os vídeos de Katharina Keller tornaram-se obras independentes, mantendo a observação como elemento distintivo de sua prática.

TOW (video & sound installation) é conhecida como um produto secundário no fabrico do linho, é utilizada para represar casas. Ao construir casas, os seres humanos criaram habitats de acordo com as suas próprias ideias e imaginação. As localizações e os recursos determinam a implementação. Uma família em Omsk põe em prática a sua ideia pessoal de um habitat. Interseções lúdicas e flexíveis entre imaginação e implementação, um sistema diversificado que se expande e encolhe constantemente, a casa tem seu próprio pulso. A imaginação parece ser uma estrutura de uma arquitetura planeada, mas o processo de construção vai para além de cada parede e decisão. A plasticidade da imaginação pode dissolver estruturas dadas e atuar como uma forma de vida própria, permeia e interage com os humanos num movimento constante.

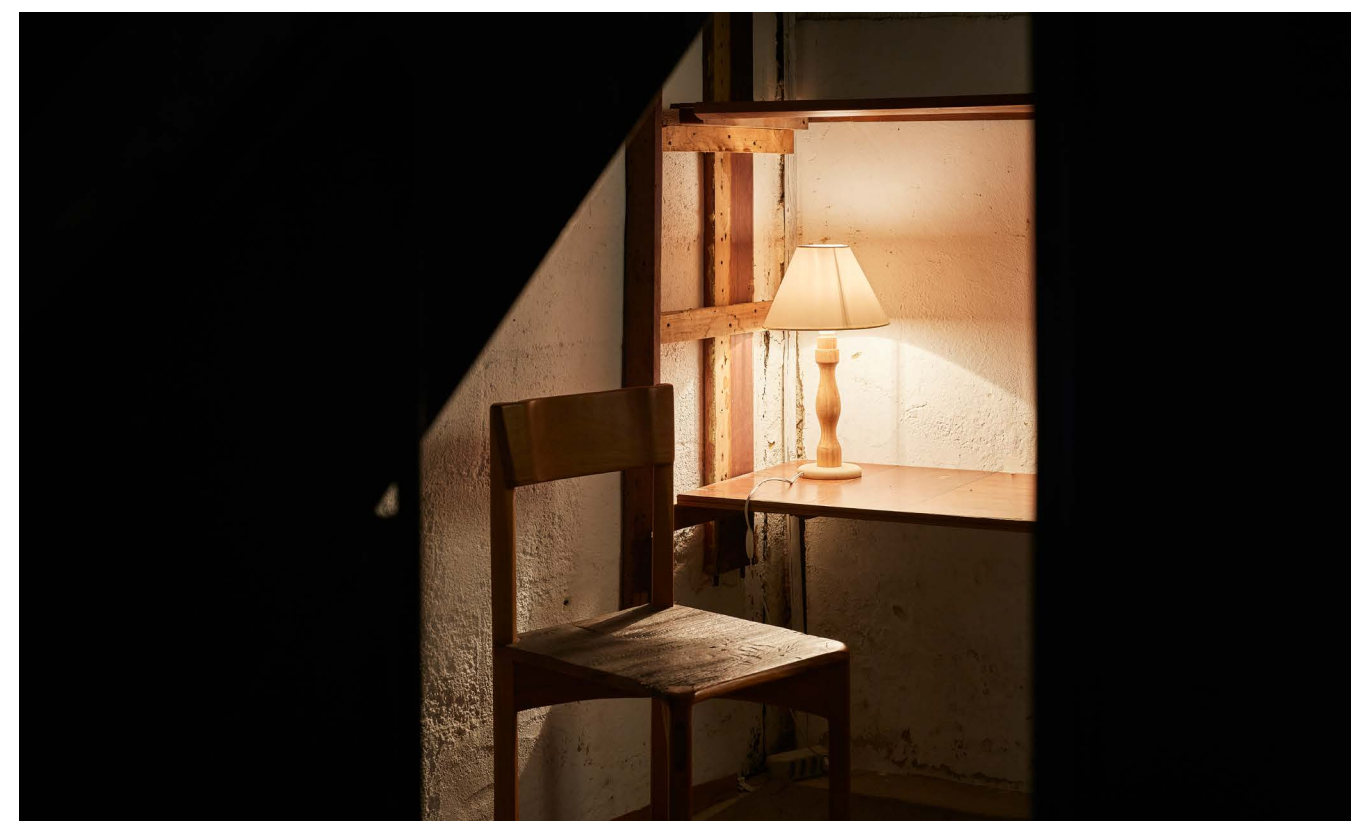
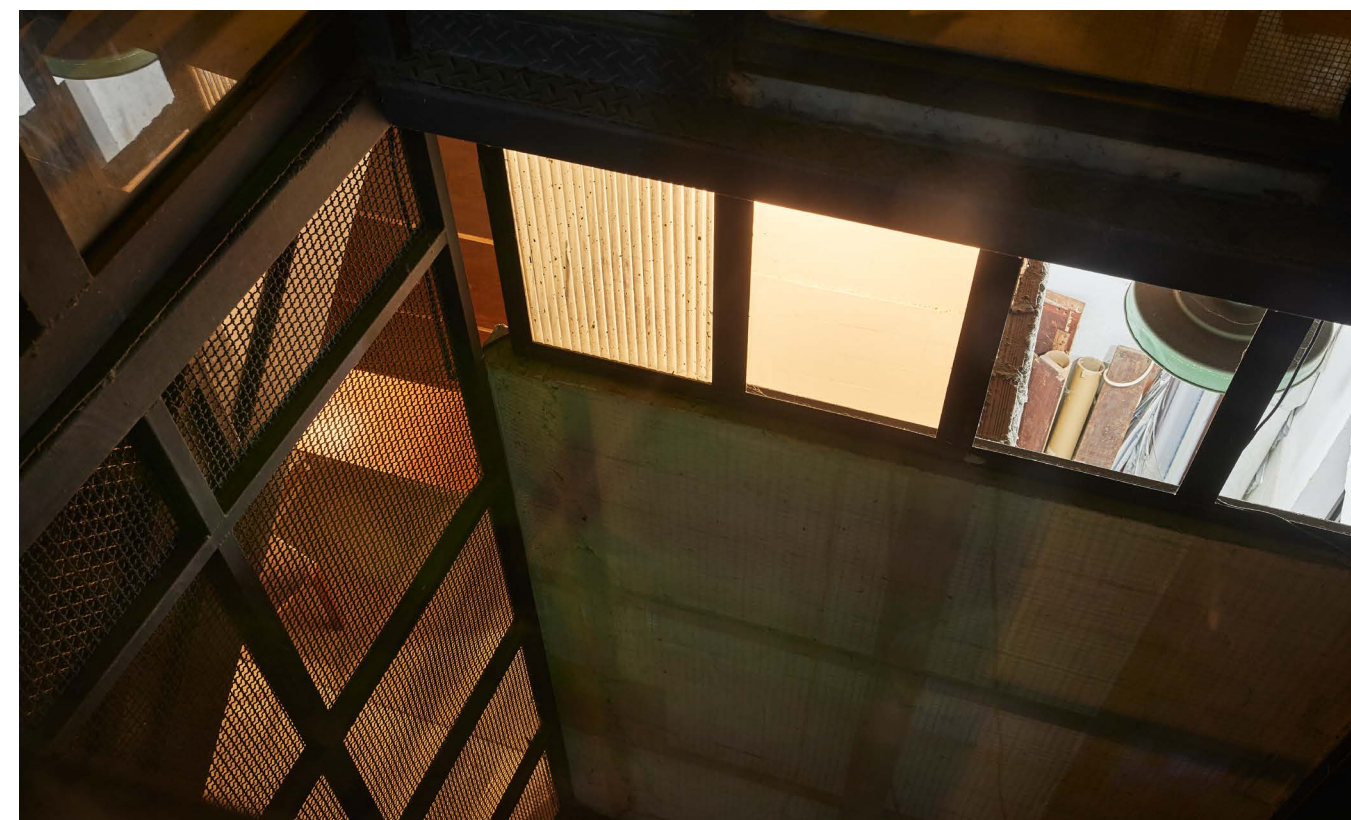
Untitled

(sound of a never ringing church bell)

HANNAH NELSEN

NÃO É O TOQUE DO SINO QUE SE OUVI,
MAS SIM O SOM QUE O SINO FAZ ANTES DE
COMEÇAR A TOCAR.

(...) AQUI UMA FAMÍLIA VIVIA PARA O EDIFÍCIO.
O SOM DO SINO DOMINAVA E ESTRUTURAVA
A ROTINA DIÁRIA, QUANDO A FAMÍLIA SE
LEVANTAVA E QUANDO SE DEITAVA, QUANDO
COMIA E QUANDO CHEGAVA A HORA DA MISSA.



O som apresentado nesta sala é um loop do sino da igreja onde a artista cresceu, mas não é o toque do sino que se ouve, mas sim o som que o sino faz antes de começar a tocar. Este som específico é provocado pela vibração do sino e da mecânica, que é transmitida à arquitetura do edifício, criando um som abafado e mecânico que só podia ser ouvido pela família da artista, que na sua função de sextantistas, viviam num apartamento junto à torre do sino. A artista achou fascinante a forma como o edifício e a vida da família se entrelaçavam. A maioria dos edifícios é concebida para os seus habitantes, mas aqui uma família vivia para o edifício. O som do sino dominava e estruturava a rotina diária, quando a família se levantava e quando se deitava, quando comia e quando chegava a hora da missa.

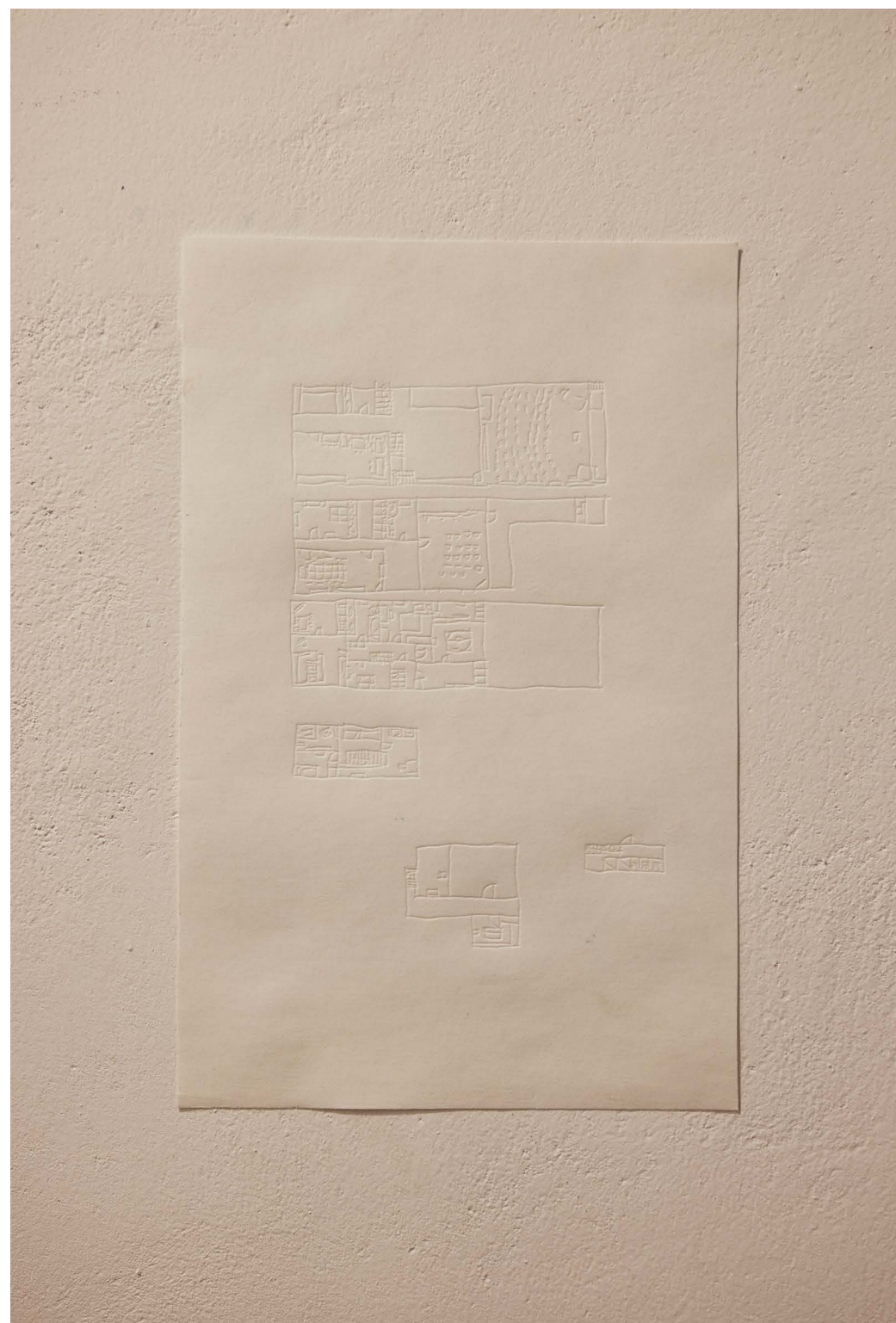
A obra trata da relação emocional ambivalente e especial que a artista associa ao som do sino, que por um lado está ligado a muitas memórias positivas da sua infância, mas por outro lado também a muitas memórias negativas da sua saída da comunidade e da desconstrução associada.

Hannah Nelsen nasceu em 2002, em Dülken, uma pequena cidade no oeste da Alemanha. Até os doze anos, viveu com os pais em uma comunidade evangélica rigorosa, cujas experiências moldaram sua infância e foram desconstruídas em seu fazer artístico. Desde cedo, desenvolveu interesse em botânica, influenciada pelo gosto dos pais pela jardinagem e pela avó, que era florista. Em 2020, entrou na Academia de Arte de Düsseldorf, na classe da professora Dominique Gonzalez-Foerster. Desde então, participou de várias exposições. Hannah trabalha com pintura, instalação e som, sendo reconhecida especialmente por suas obras com plantas exuberantes, inspiradas em florestas tropicais — embora os cenários não representem lugares reais, e sim composições imaginadas. Suas obras também trazem referências cristãs, retomando histórias da infância para questionar seus significados. Atualmente, ela se interessa especialmente pela relação entre natureza e sociedade na era do Antropoceno, refletindo sobre o que entendemos como “natureza”.

The sound shown here is a loop of the church bell from the church where the artist grew up, but it is not the actual ringing of the bell that can be heard, but the sound that the bell makes before it starts ringing. This specific sound is caused by the vibration of the bell and the mechanics, which is transmitted to the architecture of the building, creating a muffled, mechanical sound that could only be heard by the artist's family, who in their role as sextons lived in a flat next to the bell tower. The artist found it fascinating how the building and the family life were interwoven. Most buildings are designed for their people, but here a family lived for the building. The sound of the bell dominated and structured the daily routine, when the family got up and when they went to bed, when they ate and when it was time for church service.

The work deals with the ambivalent and special emotional relationship that the artist associates with the sound of the bell, which on the one hand is connected with many positive memories from her childhood, but on the other hand also with many negative memories of her departure from the community and the associated deconstruction.

Hannah Nelsen (born 2002 in Dülken, Lower Rhine region, Germany) is a multidisciplinary artist working primarily with painting, installation, and sound. As a child she grew up in a fundamentalist evangelical community. The experiences she had there, as well as the deconstruction that came with them, shaped her very much. Her passion for botany developed in childhood, nurtured by her parents' love of gardening and her grandmother's work as a florist. In 2020, she began her studies at the Düsseldorf Art Academy in the class of professor Dominique Gonzalez-Foerster. Since then, her work has been featured in numerous exhibitions. Nelsen is best known for her vibrant, surreal plant-based imagery — dense, jungle-like compositions that do not depict real locations but instead constructed, imagined environments. Her work often includes subtle references to Christian iconography, reinterpreting religious narratives from her past to question inherited values. A central concern in her current practice is the human relationship with nature in the context of the Anthropocene, challenging conventional ideas of what “nature” means in a world increasingly shaped by human influence.



Alle Räume

HANNAH NELSEN

REFLETE O MOMENTO EM QUE A ARTISTA
PERCEBE QUE, NA SUA MENTE, OS ESPAÇOS
DA IGREJA E DA SUA CASA TINHAM SE
ENTRELAÇADO.
(...)

VISÍVEL APENAS DE
CERTOS ÂNGULO, CAPTA
A NATUREZA FLUIDA E
ESQUIVA DA MEMÓRIA.



Alle Räume is a imprint on paper of the floor plan from the church the artist lived in as a child, drawn from memory. It reflects the moment she realized that, in her mind, the spaces of the church and her childhood home had become intertwined. Rather than displaying the sketch, the artist chose to present the imprinted paper under it. Visible only from certain angles, it captures the fluid and elusive nature of memory.

Alle Räume é uma impressão em papel da planta da igreja onde a artista viveu quando criança, desenhada de memória. Reflete o momento em que a artista percebeu que, na sua mente, os espaços da igreja e da sua casa de infância tinham se entrelaçado. Em vez de expor o esboço, a artista optou por apresentar o papel impresso por baixo do mesmo. Visível apenas de certos ângulos, capta a natureza fluida e esquiva da memória.

Brutalist Fiction

PHILIPPE DERLIEN



ATRAVÉS DE SUAS VOZES, O EDIFÍCIO É RESSIGNIFICADO
— NÃO APENAS COMO RUÍNA OU OBJETO DE CRÍTICA,
MAS COMO ESPAÇO SIMBÓLICO QUE ABRIGA MEMÓRIAS E
AFETOS DA COMUNIDADE LOCAL.



Em ***Brutalist Fiction***, Derlien volta seu olhar para o “Town Centre” da cidade escocesa de Cumbernauld — uma mega estrutura brutalista ameaçada de demolição. Projetado nos anos 1960 para reunir funções urbanas em um único edifício (com cafés, biblioteca, academia, faculdade, igreja e até uma pista de patinação), o centro encarna tanto a utopia modernista quanto as limitações práticas do brutalismo.

O curta-metragem combina elementos documentais e ficcionais ao entrelaçar os relatos de um conselheiro municipal e de um criador de cavalos. Embora pertencentes a mundos distintos, ambos compartilham reflexões sobre valores universais como honestidade, paciência e integridade. Através de suas vozes, o edifício é ressignificado — não apenas como ruína ou objeto de crítica, mas como espaço simbólico que abriga memórias e afetos da comunidade local. Brutalist Fiction propões uma nova forma de leitura para a arquitetura obsoleta, interrogando o papel das estruturas construídas diante das mudanças psicológicas e sociais contemporâneas.

O que preservamos? O que deixamos ruir?

Através de um olhar sensível e crítico, Derlien nos convida a reimaginar a relação entre espaço tempo e memória.

Nascido em 1998 em Würzburg, Alemanha, e atualmente residente em Düsseldorf, ***Philippe Derlien*** desenvolve sua prática artística nos campos da instalação, escultura e vídeo. Sua obra investiga o ambiente construído, a arquitetura e as estruturas da memória biográfica e dos sonhos. Derlien propõe uma leitura expandida do espaço arquitetônico, deslocando seu foco de formas funcionais para estruturas que evocam diferentes temporalidades e estados emocionais. Em instalações imersivas, maquetes e filmes de animação, o artista explora a recombinação de elementos arquitetônicos e simbólicos, desafiando a relação convencional entre corpo e o espaço. A mudança de escala — onde os nichos se tornam salões e poços de transformam em superfícies de projeção — amplia o vocabulário da arquitetura, abrindo espaço para interpretações subjetivas e afetivas. Esses deslocamentos ressoam com a lógica dos sonhos, em que os lugares se desfazem e se reorganizam segundo dinâmicas pessoais e inconscientes.

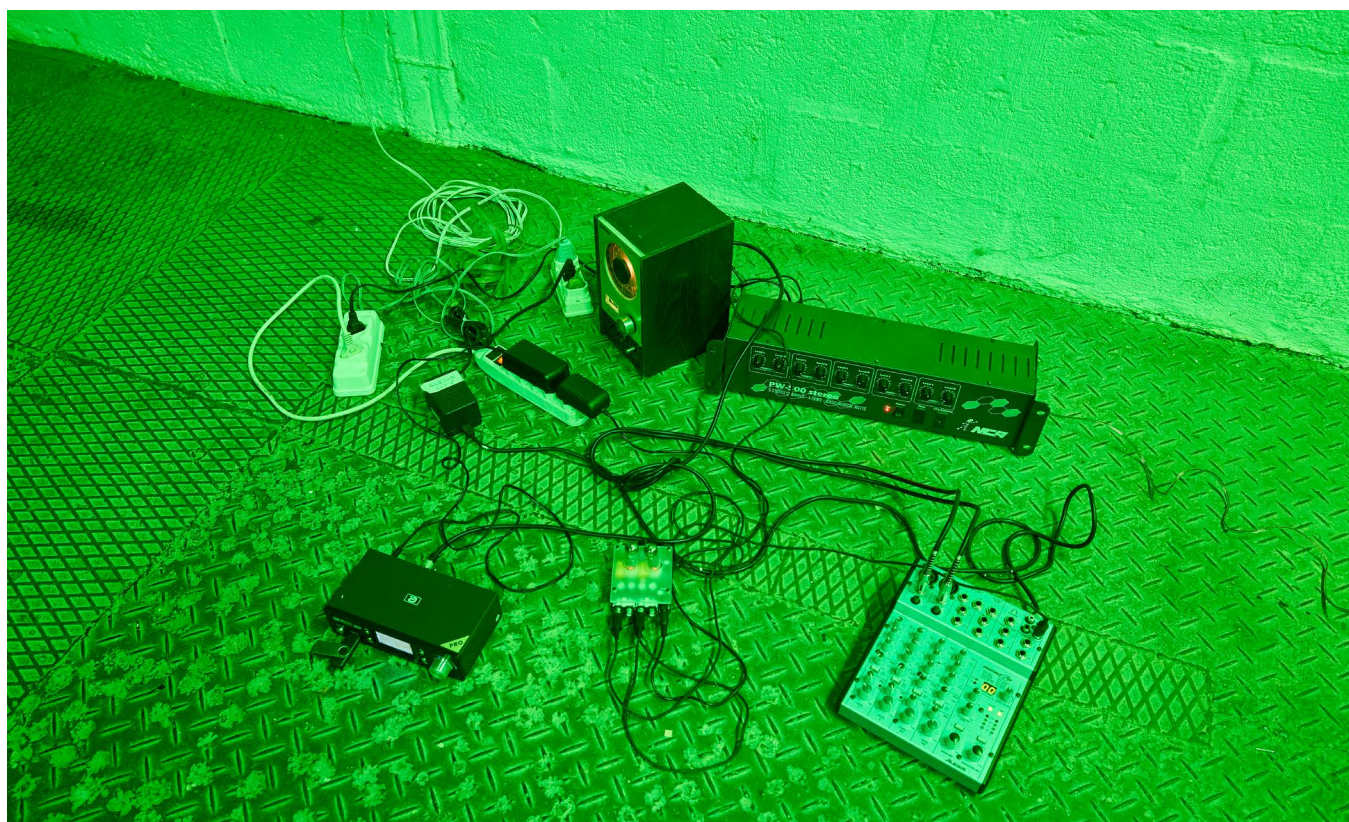
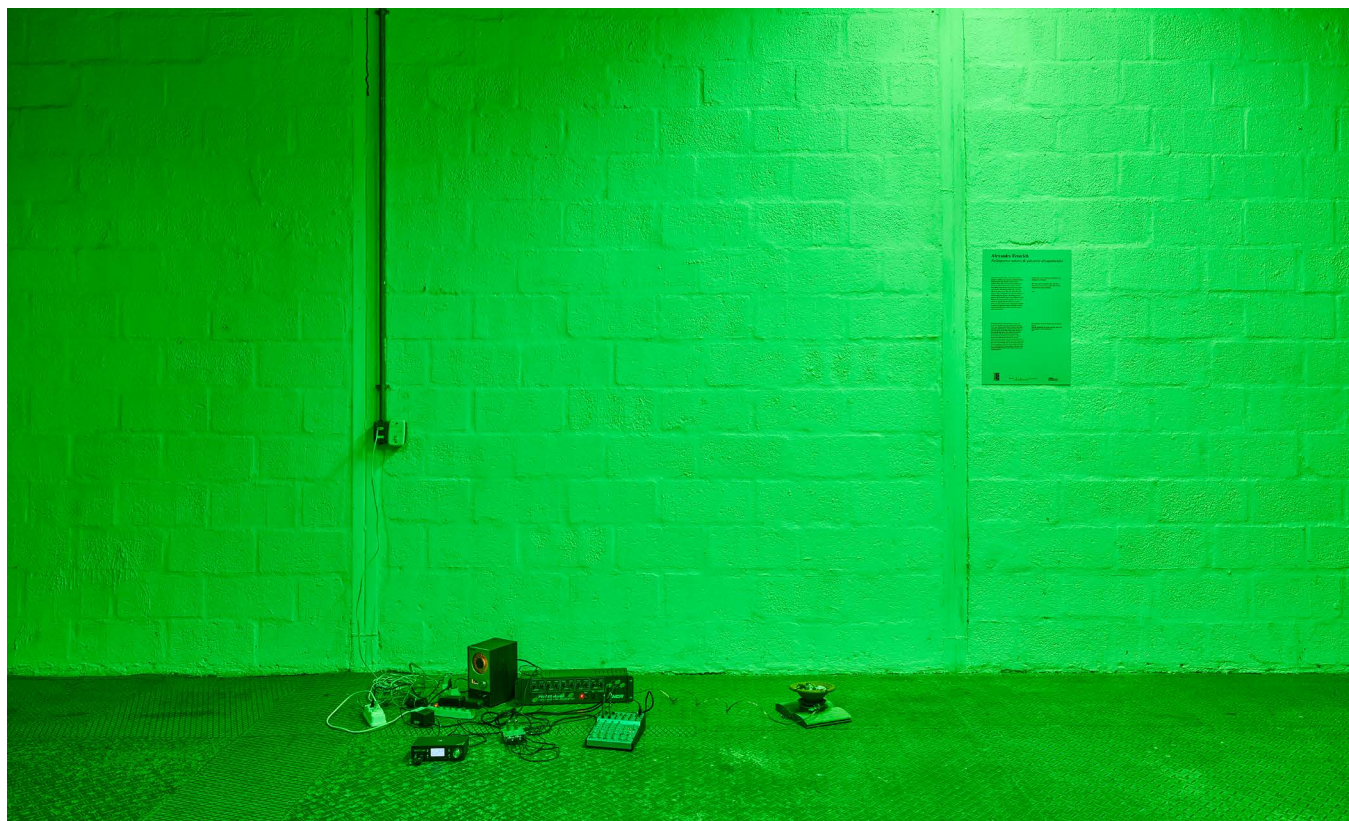
The short film ***Brutalist Fiction*** uses a combination of various documentary elements to examine the “Town Centre” in the small Scottish town of Cumbernauld, which is threatened with demolition. As a so called “megastructure”, this Brutalist-style shopping and leisure centre incorporates almost all the needs of a small town — cafés, a library, shops, a gym, a college, a church and a roller disco. Brutalism, hailed in the 60s for its functional and groundbreaking design, fell quickly into disrepute due to its polarising appearance and often dysfunctional execution.

To offer a different perspective on to this structure, “Brutalist Fiction” unites the narrative of a local city councillor and a horse breeder. Both represent different positions in different worlds, but talk about values and themes that have a universal character: honesty, integrity, and patience.

How does this relate to our behaviour with built space?
Is dedication to a cause or the power of memories enough to preserve real spaces?

Located between decay, criticism and the memory of the locals, the film opts for a new way of reading this building.

Born in 1998 in Würzburg, Germany, and currently based in Düsseldorf, ***Philippe Derlien*** develops his artistic practice in the fields of installation, sculpture, and video. His work investigates the built environment, architecture, and the structures of biographical memory and dreams. Derlien proposes an expanded reading of architectural space, shifting the focus from functional forms to structures that evoke different temporalities and emotional states. Through immersive installations, models, and animated films, the artist explores the recombination of architectural and symbolic elements, challenging the conventional relationship between the body and space. The shift in scale — where niches become halls and wells transform into projection surfaces — broadens the vocabulary of architecture, creating room for subjective and affective interpretations. These displacements echo the logic of dreams, in which places dissolve and reorganize according to personal and unconscious dynamics.



Palimpsesto sonoro de pássaros desaparecidos da cidade do Rio de Janeiro

ALEXANDRE FENERICH

materiais: arquivo digital de áudio, alto-falante,
folhas secas, conchas, areia, amplificador sonoro,
dispositivo de execução de áudio.

2025

Sonic palimpsest of birds vanished from the city of Rio de Janeiro.

materials: digital audio file, speaker, dry leaves, shells, sand, sound amplifier, audio playback device.
2025

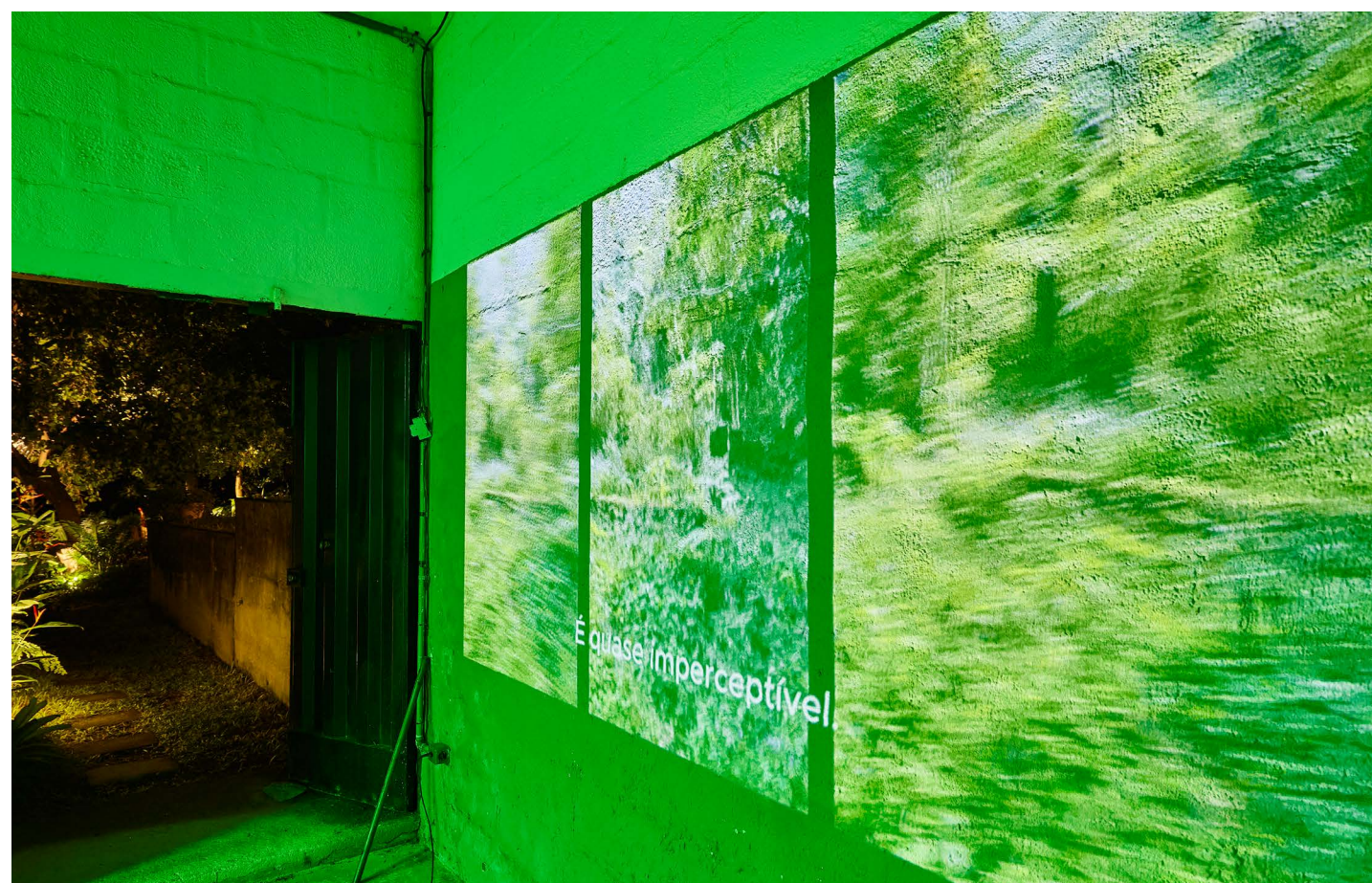
Alexandre Fenerich is a musician: flutist, composer, and teacher. He has collaborated with Rodolfo Caesar, Virginia Flores, Tato Taborda, Denise Milfont, Giuliano Obici, Lilian Campesato, Daniel Quaranta, Vanessa de Oliveira, Ana Lira, Fernando Iazzetta, Laura Mello, Katia Guedes, Alexandre Porres, among others artists. He is currently involved with *Acorda!* music collective (alongside Alexandre Brasil, Bernardo Fantini, and Maria Clara Valle) and *Coletivo Revoada* (with Cliff Korman, Pitter Rocha, and José Wellington). He has taught at the Darcy Ribeiro Film School (Rio de Janeiro), Oswald de Andrade Cultural Workshops, the film course at Anhembi Morumbi University (São Paulo), and the music program UFJF (Juiz de Fora). Since 2015, he has been a music professor at UNIRIO, teaching composition, sound creation for audiovisual works, music analysis, harmony and experimental music.

Alexandre Fenerich é músico: flautista, compositor e professor. Trabalhou em parcerias com Rodolfo Caesar, Virginia Flores, Tato Taborda, Denise Milfont, Giuliano Obici, Lilian Campesato, Daniel Quaranta, Vanessa de Oliveira, Ana Lira, Fernando Iazzetta, Laura Mello, Katia Guedes, Alexandre Porres, dentre outros artistas. Atualmente colabora com o *Acorda!* coletivo de música (com Alexandre Brasil, Bernardo Fantini e Maria Clara Valle) e *Coletivo Revoada* (com Cliff Korman, Pitter Rocha e José Wellington). Foi professor da Escola de Cinema Darcy Ribeiro (RJ), das Oficinas Culturais Oswald de Andrade e do curso de cinema da Anhembi Morumbi (SP) e do curso de música da UFJF (Juiz de Fora). Desde 2015 é professor de música da UNIRIO lecionando composição, criação sonora para audiovisual, análise musical, harmonia e música experimental.



Um mundo cresce no vazio

MARIANA COBUCCI



A VEGETAÇÃO QUE OCUPA OS ESCOMBROS
É VISTA COMO FORÇA REGENERADORA E
SÍMBOLO DE UM MUNDO PARA ALÉM DO
ANTROPOCENTRISMO (...)

A OBRA CONVIDA A OLHAR COM OUTROS
OLHOS, A ENXERGAR O INVISÍVEL E A
RECONHECER NA DESTRUIÇÃO URBANA A
POSSIBILIDADE DE NOVOS COMEÇOS.

Um mundo cresce no vazio parte da observação da apropriação vegetal em ruínas urbanas, propondo novas formas de construir cidade, onde o natural e o artificial coexistem. A vegetação que ocupa os escombros é vista como força regeneradora e símbolo de um mundo para além do antropocentrismo, no qual diferentes formas de vida — plantas, fungos, insetos, aves — participam de um sistema interconectado. A obra convida a olhar com outros olhos, a enxergar o invisível e a reconhecer na destruição urbana a possibilidade de novos começos. Assim, ruínas deixam de ser fim e tornam-se solo fértil para imaginar futuros mais plurais, sensíveis e integrados, com o ambiente na era das pressões climáticas e desafios urbanos extremos revelando oportunidades para estabelecer pontes e diálogos entre os mundos selvagem e urbano.

Este trabalho foi originalmente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo na PUC-Rio, sob orientação de Flaviana Vieira.

Nascida em 1995 e residente no Rio de Janeiro, ***Mariana Cobucci*** investiga o campo ampliado da arquitetura por meio de abordagens teóricas, poéticas e artísticas. Sua obra propõe uma imersão na paisagem, combinando fotografias e relatos pessoais para criar composições visuais e narrativas. Utiliza diagramas, colagens e videomontagens como forma de reorganizar registros e conectar ideias.

A world grows in the voids stems from observing the vegetal takeover of urban ruins, proposing new ways of building cities where the natural and the artificial can coexist. The vegetation that occupies these ruins is seen as a regenerative force and a symbol of a world beyond anthropocentrism, where various life forms — plants, fungi, insects, birds — take part in an interconnected system. The work invites us to look differently, to see the invisible, and to recognize in urban destruction the possibility of new beginnings. Thus, ruins cease to be an end and become fertile ground for imagining more plural, sensitive, and environmentally integrated futures in an age of climate pressures and extreme urban challenges — revealing opportunities to build bridges and dialogues between wild and urban worlds.

This project was originally presented as a Final Graduation Project in Architecture and Urbanism at PUC-Rio, under the supervision of Flaviana Vieira.

Born in 1995 and based in Rio de Janeiro, ***Mariana Cobucci*** explores the expanded field of architecture through theoretical, poetic, and artistic investigations. Her work unfolds as an exercise in immersion within the landscape, where the artist combines photographic documentation and personal accounts to build visual compositions and poetic narratives. Experimenting with forms of representation that can visually express the themes she engages with, Cobucci works with diagrams, collages, and video montagens as tools for reorganizing records and reconnecting ideas.

Quarto dos Desafetos

ARTHUR MURTINHO

DIALOGANDO COM
AS PAREDES,
O PÓ, E O MUNDO
QUE CONSEGUE
VISLUMBRAR
PELA PEQUENA
JANELA, A CRIANÇA
CONFRONTA A
VIOLÊNCIA DE SEU
ENCLAUSURAMENTO.

A INSTALAÇÃO SE ESTRUTURA A PARTIR DE
QUATRO PAREDES, CORRESPONDENDO A
QUATRO MATÉRIAS DISTINTAS:

A MADEIRA DA PORTA,
O METAL DO PISO,
A PEDRA DA ALVENARIA E
O VIDRO DA JANELA.



Room fo the Disaffected is a sound installation based on the concept of the “room of the unwanted” — an architectural structure once designed by wealthy families to conceal neurodivergent or physically disabled relatives. Within these rooms, individuals were kept alive and fed, yet isolated from any contact with outside world. The installation is built around four walls, each representing a different material: the wood of the door, the metal of the floor, the stone of the masonry, and the glass of the window. The work originates from the play “*Ecolalia*”, written in 2018 within the Playwriting Nucleus of the Escola Livre de Teatro in Santo André. The text imagines a neurodivergent child, imprisoned in such a room, who begins to engage with the surrounding materials as a form of resistance against erasure. In dialogue with the walls, the dust, and the sliver of the outside world visible through the small window, the child confronts the violence of their confinement. Visitors are invited to enter the space, where sound emanates from different points within the room, guiding them as they attend to what the voice brings into presence.

Arthur Murtinho is a composer and playwright. He holds a degree in Multimedia Production from Faculdade Belas Artes and is currently studying Composition at UNIRIO. He received the *NOTAnEAR Sound Art Award* for the digital space “*Ecolalia*”, created with the *nota* software and premiered at the closing event of the *Stuttgart Filmwinter Festival*. He was also awarded at the *Biennial of Brazilian Contemporary Music* in the Electroacoustic Music category for his piece “*Caim*”, for voice and live electronics. Murtinho has been part of the Playwriting Nucleus at Escola Livre de Teatro and the SESI-SP Playwriting Nucleus. He was responsible for musical direction and sound editing in the performance “*ophelia is a-live*”, by Rúbia Vaz, supported by ProAC 11/2022. He also created the sound design and operated audio for the performance-lectures “*como a palavra amor sai naturalmente das nossas bocas*”, presented in the Dramaturgies in Reading 2 program at Teatro Prudential, and “*próxima à fronteira*”, shown at both the *Dito e Feito Festival* and the *VIVA! 30 + 10 Showcase*.

He participated in the sound improvisation “*SopaÓpera*”, presented at the Hélio Oiticica Cultural Center and coordinated by Alexandre Fenerich and Ricardo Basbaum.

Arthur Murtinho é compositor e dramaturgo, graduado em Produção Multimídia pela Faculdade de Belas Artes e graduando em Composição pela UNIRIO. Recebeu o *Prêmio NOTAnEAR* de arte sonora pelo espaço digital “*Ecolalia*” criado com o software *nota* e estreado na *Finassage do Stuttgart Filmwinter Festival*, e o *Prêmio Bienal de Música Brasileira Contemporânea*, na categoria Música Eletroacústica, pela peça “*Caim*” para voz e eletrônica ao vivo. Integrou o Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro e o Núcleo de Dramaturgia Sesi-SP. Realizou a direção musical e edição de som da performance “*ophelia is a-live*”, de Rúbia Vaz, contemplada pelo ProAC 11/2022. É responsável pelo desenho de som e operação de áudio das palestras-performance “*como a palavra amor sai naturalmente das nossas bocas*”, apresentada na programação Dramaturgias em Leitura 2 do Teatro Prudential e “*próxima à fronteira*”, apresentada no festival *Dito e Feito* e na *Mostra VIVA! 30 + 10*.

Participou do improviso sonoro “*SopaÓpera*”, apresentado no Centro Cultural Hélio Oiticica e coordenado por Alexandre Fenerich e Ricardo Basbaum.

Quarto dos Desafetos é uma instalação sonora criada a partir do “quarto dos indesejados” — estrutura arquitetônica projetada por famílias abastadas para ocultar parentes neurodiversos ou portadores de deficiências físicas. Dentro de tais quartos, os familiares eram alimentados e mantidos vivos sem, no entanto, estabelecer contato com o mundo exterior. A instalação se estrutura a partir de quatro paredes, correspondendo a quatro matérias distintas: a madeira da porta, o metal do piso, a pedra da alvenaria e o vidro na janela. O trabalho surge da dramaturgia “*Ecolalia*”, escrita em 2018 no Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro de Santo André. O texto imagina uma criança neurodiversa, aprisionada no quarto porém articulando as matérias à sua volta como forma de resistência à destruição. Dialogando com as paredes, o pó, e o mundo que consegue vislumbrar pela pequena janela, a criança confronta a violência de seu enclausuramento. O público é convidado a adentrar o espaço, onde será guiado pelo som que emana de pontos distintos do quarto, e reparar o que a voz ativa.



Num mundo caótico, diferentes culturas e realidades se acolhem em um espaço cada vez mais comum: a casa. Habitar é ancestral — protege o corpo e abriga a mente. Mas habitar é também complexo e desigual: habitamos corpos nos quais, por vezes, não nos reconhecemos; e habitamos cidades cada vez maiores, inóspitas. Urbes que crescem de forma desordenada, como o Rio de Janeiro — cidade que engole e é engolida pelo verde —, onde imaginamos habitar pássaros extintos, que talvez nunca tenham existido... A camuflagem sonora no trabalho de **Alexandre Fenerich** é perfeita. Pensar ouvir algo seria fruto do caos em que vivemos? Seríamos nós os que se colocam em risco de extinção? Pensemos na ruína exposta pelo trabalho de **Mariana Cobucci**, que nos mostra a força da natureza em dominar o vazio humano. O caos leva à ruína, e a ruína é o símbolo maior da decadência do urbano.

Antes do caos atual, o modernismo se alimentava da realização de utopias — e entregava, muitas vezes, distopias. O movimento moderno acreditava piamente ser capaz de reconstruir a sociedade. O novo homem habitava um espaço arquitetado, sem maiores questionamentos: as teorias respondiam a tudo. Assim, habitar a torre de uma igreja, como na obra de **Hannah Nelsen**, ou viver em uma casa não projetada por um arquiteto, como na obra de **Katharina Keller**, eram, para

os modernistas, exemplos de “desserviços primitivos”. Projetos como a nova capital do Brasil, Brasília, ou o Cumbernauld Town Centre eram carregados de boas intenções, mas, no final, como disse o poeta, “as ruínas de Brasília hão de ser as mais belas”. No caso de Cumbernauld, a realidade da ruína é mais uma vez explorada no vídeo de **Philippe Derlien**: um relato apaixonado que ora trata a megaestrutura como um cavalo, ora como uma mulher — seu destino e a modernização que o moderno não trouxe.

Essa complexidade urbana gera problemas não apenas ambientais — afinal, alguns pássaros ainda sobrevivem —, mas, sobretudo, mentais: nossas mentes estão cada vez mais afetadas pela baixa qualidade de vida nas cidades. Não basta sobreviver em um espaço físico; é preciso atuar em um mundo dinâmico e digital. No grito, ricos e pobres se igualam: uns com remédios e terapias, outros escondendo os indesejos — como na obra de **Arthur Murtinho**. No silêncio, **Tomás Cid**, quase em manifesto, planeja um espaço para o nada, no terreno mais cobiçado e caro do Brasil.

Habitar é complexo. Habitamos como sobrevivência.

Texto crítico: **José dos Guimaraens**.



Ao longo da temporada da exposição, foram realizadas visitas guiadas e encontros com artistas, arquitetas, arquitetos, cineastas, curadores, curadoras e representantes de movimentos sociais e ocupações.

CONVERSA SOBRE ARTE, ARQUITETURA E POLÍTICA



Conversa sobre o livro “*Objeto impróprio: arte, política e o contemporâneo*”, lançado pela Numa Editora e Editora PUC-Rio, em 2024.

Otávio Leonidio é o autor do livro e professor de projeto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio. Escreve sobre arte e arquitetura.

Maria Palmeiro é artista, com graduação em Arquitetura e Urbanismo na PUC-Rio, e professora do Departamento de Artes da UERJ.

Bernardo Bazani é crítico, curador independente e coordenador do estúdio Megazord, de Maxwell Alexandre.

O livro discute a arte contemporânea com ênfase em sua dimensão política, tomando como ponto de partida a crise da arte moderna e a emergência, nos anos 1960 e 70, de movimentos como minimalismo e arte da performance. São analisados os trabalhos e ações de artistas como *Juliana Notari*, *Eduardo Coimbra*, *Cildo Meireles*, *Robert Smithson*, *Márcia X*, *Maria Palmeiro* e *Lyz Parayzo*; do cineasta *Adirley Queirós*; e dos arquitetos *Peter Eisenman* e *Carlos M. Teixeira*, dentre outros.

Ángel Díez é cineasta espanhol, diplomado pelo IDHEC, Paris. Diretor de documentários e ficções como “*La peine perdue de Jean Eustache*” e “*Gilberto Gil: um deus em seu jardim*”, entre outros. Foi professor de Documentário e de Teoria da Montagem na Escola de Cinema Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, de 2009 a 2017.

Denise Costa Lopes é doutora em Artes Visuais pela EBA/ UFRJ, professora do Departamento de Comunicação da PUC-Rio desde 2010. Criadora da plataforma Transcinema, onde oferece cursos de Cinema e Pintura. Sua área de interesse se encontra na confluência do cinema com as outras artes, em especial, com a pintura, tema do seu doutoramento.

Felipe Rio Branco é arquiteto, sócio fundador do Gávea Arquitetos, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio, mestre em urbanismo com especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil, PUC-Rio.

José dos Guimaraens é arquiteto, formado pela Universidade de Lisboa, responsável pelo perfil do Instagram @modernRio, que esmiúça questões da arquitetura e arte moderna através de textos não revisados e feitos em 15min.

CONVERSA SOBRE ARTE, ARQUITETURA E CINEMA



CONVERSA SOBRE HABITAÇÃO SOCIAL



Sandra Kokudai - Patrimônio da União RJ

Gabriel Martucci - <Lanchonete.Lanchonete>

Roberta Matos e Thylane da Silva - Ocupa Elma

mediação: **José dos Guimaraens**

créditos

curadoria: Denise Milfont

realização: Tropigalpão

parceria: Kunstakademie Düsseldorf e Casa_Horizonte

projeção: Alan

impressão: WSM Gráfica

assistência: Juca dos Santos

fotografia: Rafael Salim

desenho: Tomás Cid

catálogo: Casa_Horizonte
(Mariana Vieira e Mariana Cobucci)

projeto gráfico: Mariana Cobucci

@tropigalpao_118

@casahorizonte__

casahorizonte.com.br

artistas:

Alexandre Fenerich

Arthur Murtinho

Hannah Nelsen

Katharina Keller

Mariana Cobucci

Philippe Derlien

Tomás Cid

conversas:

Ángel Díez

Bernardo Bazani

Denise Lopes

Felipe Rio Branco

Gabriel Martucci

José dos Guimaraens

Maria Palmeiro

Otávio Leonidio

Roberta Matos

Sandra Kakudai

Thylane da Silva

mediação:

Mariana Vieira

José dos Guimaraens

organização:

Casa_Horizonte



casa_____
horizonte

Kunst **akademie** Düsseldorf